

Análise Econômica

DE BRETTON WOODS A LA GLOBALIZACIÓN FINANCIERA:
NUEVAS REGLAS DE JUEGO
SARY LEVY CARCIENTE

FINANCIAL LIBERALISATION, CREDIT RATIONING AND
SLOW GROWTH IN MEXICO: TESTING THE MCKINNON-
SHAW HYPOTHESIS
IGNACIO PERROTINI HERNANDEZ

CICLOS E PREVISÃO CICLICA: O DEBATE TEÓRICO E UM
MODELO DE INDICADORES ANTECEDENTES PARA A
ECONOMIA BRASILEIRA
**FERNANDO J. CARDIM DE CARVALHO E PAULO
FERNANDO HERMANNY**

INVESTIMENTO PÚBLICO FIXO, UM ELEMENTO
CATALISADOR DE DESENVOLVIMENTO INERENTE A
ECONOMIA REGIONAL
ROGERIO MARTIN BENITEZ

A ECONOMIA POLITICA DAS REFORMAS ECONÔMICAS DA
PRIMEIRA DE CADA REPUBLICANA
LUIZ CARLOS DELORME PRADO

POLÍTICAS NÃO-MONETÁRIAS DE CONTROLE DA
INFLAÇÃO: UMA PROPOSTA PÓS-KEYNESIANA
JOÃO SICSU

COMPORTAMENTO DOS BANCOS, PERCEPÇÃO DE
RISCO E MARGEM DE SEGURANÇA NO CICLO
MINSKIANO
**LUIZ FERNANDO RODRIGUES DE PAULA E ANTONIO
JOSÉ ALVES JUNIOR**

UMA AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DA ENTRADA DE
BANCOS ESTRANGEIROS NO SETOR BANCÁRIO
BRASILEIRO
**MARCOS ROBERTO VASCONCELOS E JOSÉ RICARDO
FUCIDI**

NECESSIDADES E OS CONDICIONANTES DA SEGUNDA
OCUPAÇÃO
WILSON F. MENEZES E JOSÉ CARRERA-FERNANDEZ

CADEIAS PRODUTIVAS, CADEIAS DO CONHECIMENTO E
DEMANDAS TECNOLÓGICAS NO NORDESTE: ANÁLISE
DE POTENCIALIDADES E DE ESTRANGLAMENTOS
ABRAHAM B. SICSU E JOÃO POLICARPO R. LIMA

FATORES INDUTORES E BARREIRAS PARA O COMÉRCIO
DE GAS NATURAL NO CONE SUL
EDMAR LUIZ FAGUNDES DE ALMEIDA

ANO **21**

Nº **39**

Março, 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitora: Profª. Wrana Maria Panizzi

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Diretora: Prof. Pedro César Dutra Fonseca

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Gentil Corazza

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Chefe: Prof. Ricardo Dathein

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

Coordenador: Prof. Eduardo Pontual Ribeiro

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

Coordenador: Prof. Jalcione Almeida

CONSELHO EDITORIAL:

Carlos G. A. Mielitz Netto (UFRGS), Eduardo A. Maldonado Filho (UFRGS), Eduardo P. Ribeiro (UFRGS), Eleutério F. S. Prado (USP), Eugênio Lagemann (UFRGS), Fernando Cardim de Carvalho (UFRJ), Fernando Ferrari Filho (UFRGS), Fernando de Holanda Barbosa (FGV/RJ), Flávio Vasconcelos Comim (UFRGS), Gentil Corazza (UFRGS), Giacomo Balbinotto Netto (UFRGS), Gustavo Franco (PUC/RJ), Jan A. Kregel (UNCTAD), João Rogério Sarson (UFSC), Joaquim Pinto de Andrade (UnB), Jorge Paulo Araújo (UFRGS), Juan H. Moldau (USP), Marcelo S. Portugal (UFRGS), Maria Alice Lahorgue (UFRGS), Paul Davidson (University of Tennessee), Paulo D. Waquil (UFRGS), Pedro C. D. Fonseca (UFRGS), Philip Arestis (Levy Economics Institut of Bard College), Roberto C. de Moraes (UFRGS), Ronald Otto Hillbrecht (UFRGS), Sabino da Silva Porto Jr. (UFRGS), Stefano Florissi (UFRGS) e Werner Baer (University of Illinois at Urbana-Champaign)

COMISSÃO EDITORIAL:

Eduardo Augusto Maldonado Filho, Fernando Ferrari Filho, Gentil Corazza, Marcelo Savino Portugal, Paulo Dabdab Waquil e Roberto Camps Moraes.

EDITOR: Prof. Fernando Ferrari Filho

EDITOR ADJUNTO: Prof. Gentil Corazza

SECRETÁRIA: Clarissa Roncato Baldim

REVISÃO DE TEXTOS: Vanete Ricacheski

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Vanessa Hoffmann de Quadros

FUNDADOR: Prof. Antônio Carlos Santos Rosa

Os materiais publicados na revista *Análise Econômica* são da exclusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos, desde que seja citada a fonte. Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para divulgação, elaboração de resenhas e resenhas. Toda correspondência, material para publicação (vide normas na terceira capa), assinaturas e permutas devem ser dirigidos ao seguinte destinatário:

PROF. FERNANDO FERRARI FILHO
Revista *Análise Econômica* – Av. João Pessoa, 52
CEP 90040-000 PORTO ALEGRE - RS, BRASIL
Telefones: (051) 316-3513 – Fax: (051) 316-3990
E-mail: rae@ufrgs.br

Análise Econômica

Ano 21, nº 39, março, 2003 - Porto Alegre
Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, 2003
Periodicidade semestral, março e setembro.

Tiragem: 500 exemplares

1. Teoria Econômica - Desenvolvimento Regional -
Economia Agrícola - Pesquisa Teórica e Aplicada
Periódicos. I. Brasil.
Faculdade de Ciências Econômicas,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CDD 330.05
CDU 33 (8:1) (05)

Necessidades e os condicionantes da segunda ocupação

Wilson F. Menezes
José Carrera-Fernandez*

Resumo: Este trabalho analisa o importante contingente de pessoas com uma segunda ocupação na Região Metropolitana de Salvador (RMS). Fazendo uso da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PED-RMS), este artigo estudou a formação do rendimento da segunda ocupação, sob o ponto de vista econométrico, procurando estabelecer os princípios determinantes e condicionantes que levam os trabalhadores a buscar uma segunda atividade no mercado de trabalho. Além disso, este trabalho também analisou a participação dos trabalhadores na ocupação adicional, através de um modelo *logit*, visando destacar a contribuição dos principais elementos que influenciam a decisão de essas pessoas buscarem uma segunda inserção no mercado de trabalho. Os resultados econométricos revelaram que os trabalhadores mais propensos ao segundo emprego são as mulheres, os chefes de família e os assalariados, os quais são impelidos a procurar uma segunda ocupação basicamente em decorrência dos baixos ganhos no trabalho principal. De fato, essa fonte de rendimento adicional é um fator determinante que leva os trabalhadores a buscarem um segundo emprego no mercado de trabalho. No entanto, percebe-se também que a decisão do trabalhador em participar pela segunda vez na força de trabalho deve-se em muito ao nível de esforço (medido em horas dedicadas ao trabalho) que o mesmo aplica nessa ocupação adicional.

Palavras-chave: Segundo Emprego, Mercado de Trabalho, Renda do Trabalho.

Abstract: This paper examines the contingent of people with second job in the Metropolitan Region of Salvador (RMS). Using data of the Employment and Unemployment Research of the Metropolitan Region of Salvador (PED/RMS), this paper studies the income formation of second job, trying to establish under the econometric point of view the principles, determinants and restrictions that lead these workers to look for a second occupation in the labor market. Besides that, this essay also studied the additional participation of workers in the labor force, through a logit model, as means of distinguish the main elements that influence workers'

* Professores do Curso de Mestrado em Economia da UFBA, respectivamente, Doutor pela Université de Paris I e PhD* pela The University of Chicago.

decision to seek a second insertion in the labor market. The econometric results reveal that women, family heads, and wagers are more prone to look for a second occupation in the labor market, basically to complement lower wages in their principal jobs. As a matter of fact, this additional source of income is the more important element that lead workers to get a second job in the labor market. Meanwhile, the workers' decision to participate in the labor force by the second time is mainly due to effort (measured by time applied to work) they are able to offer in this second occupation.

Key words: Second Job, Labor Market, Labor Earning.

JEL classification: J16, J21, J24, J31, J71

1 Introdução

Uma segunda inserção no mercado de trabalho sempre foi considerada como específica de algumas ocupações, tais como as dos médicos, faxineiras e vigilantes noturnos. No entanto, face à necessidade imperiosa de complementar os rendimentos do trabalho, outros trabalhadores nas mais diferentes atividades são, cada vez mais, impelidos a procurar uma ocupação adicional. Os determinantes dos rendimentos dessas pessoas e as causas que as levam a procurar uma segunda oportunidade ocupacional ainda não foram considerados para estudo no Brasil. Esse trabalho adicional pode advir da natureza da ocupação, bem como da dinâmica das pessoas envolvidas, ou seja, por elas serem mais necessitadas e/ou ativas que a média dos outros trabalhadores. Na Região Metropolitana de Salvador (RMS), 8,7% dos ocupados exercem uma ocupação adicional. Trata-se, portanto, de um contingente expressivo de trabalhadores, para o qual nenhuma atenção específica foi ainda dispensada, fazendo com que essa realidade encontre-se camuflada na imensidão das ocupações que se processam no interior da dinâmica econômica.

Além desta introdução, este trabalho está dividido em quatro outras seções. Na segunda, analisa-se a inserção das pessoas com ocupação adicional no mercado de trabalho da RMS. Em busca de um melhor entendimento a respeito da formação da renda do agrupamento de trabalhadores com uma segunda ocupação na RMS, a seção seguinte estuda os determinantes dessas pessoas, por meio de um modelo log-linear. Objetivando entender por que esse importante contingente de trabalhadores busca uma segunda ocupação, a quarta seção

faz uso de um modelo *logit* para estudar os principais determinantes e condicionantes que afetam a decisão do trabalhador conseguir um trabalho adicional. Finalmente, algumas conclusões são avançadas.

2 A inserção das pessoas com ocupação adicional na RMS

O quadro 1 permite uma comparação da média do rendimento e de alguns atributos pessoais daqueles que detêm apenas uma ocupação, bem como daqueles que exercem, além da ocupação principal, uma ocupação adicional. As pessoas com apenas uma ocupação apresentaram rendimento médio inferior ao rendimento daquelas que possuem ocupação adicional, garantido pelo teste da diferença das médias. No mesmo sentido, aparecem os atributos escolaridade, estabilidade e idade, ou seja, essas variáveis são mais elevadas para os trabalhadores com ocupação adicional relativamente àqueles com apenas uma ocupação. Padrão caracteristicamente distinto acontece com as horas semanais de trabalho, pois esse atributo aparece, em média, mais elevado na ocupação principal.

Quadro 1: Rendimento e atributos pessoais por condição ocupacional

DISCRIMINAÇÃO	OCUPAÇÃO PRINCIPAL		C/ OCUPAÇÃO ADICIONAL		TESTES DAS MÉDIAS (ESTATÍSTICA t)	
	MÉDIA	DP	MÉDIA	DP	MÉDIA	SIG
Rendimento	482,34	725,57	665,28	1038,71	-16,17	(0,00)
Escolaridade	7,82	4,21	9,67	4,59	-36,43	(0,00)
Horas semanais de trabalho	42,61	17,56	37,05	16,41	30,22	(0,00)
Estabilidade	5,44	7,42	6,35	7,53	-18,11	(0,00)
Idade	34,00	12,24	35,52	10,37	-12,94	(0,00)
Número de observações	93.235		8.819		-	

Fonte: Cálculos realizados a partir da PED-RMS.

Com o auxílio do quadro 1, observa-se que o rendimento da ocupação adicional apresenta-se mais elevado (37,9%) que o da ocupação principal. Esse diferencial de rendimento pode ser atribuído às diferenças de escolaridade e idade, já que as pessoas quando detêm uma ocupação adicional trabalham menor número de horas semanais na ocu-

pação principal e têm menos tempo de serviço (estabilidade) nas respectivas atividades.

O quadro 2 considera o rendimento e as horas semanais de trabalho apenas para as pessoas com ocupação adicional. A média de remuneração e de carga horária semanal de trabalho é mais elevada na ocupação principal *vis-à-vis* a ocupação adicional, fato esse garantido pelo teste da diferença das médias. As pessoas com ocupação adicional ganham em média R\$ 665,28 na ocupação principal contra uma média de R\$ 415,40 na ocupação adicional. Por outro lado, essas mesmas pessoas trabalham em média 37 horas semanais na ocupação principal e apenas 16 horas na ocupação adicional. Tomando-se a remuneração média por hora de trabalho, a qual é obtida dividindo-se o rendimento médio mensal pelo número de horas mensais de trabalho, observa-se que a remuneração média do trabalho secundário (R\$ 6,02) é 46% superior àquela do trabalho principal (R\$ 4,13).

Quadro 2: Rendimentos médios e horas semanais de trabalho para quem detém uma ocupação adicional

DISCRIMINAÇÃO		MÉDIA	DP	TESTE DAS MÉDIAS (ESTATÍSTICA t)
Rendimento	Ocupação principal	665,28	1.038,71	31,24
	Ocupação adicional	415,40	679,74	(0,00)
Horas semanais de trabalho	Ocupação principal	37,05	16,41	180,56
	Ocupação adicional	15,89	9,78	(0,00)
Número de observações		8.834		

Fonte: Cálculos realizados a partir da PED-RMS.

O quadro 3 apresenta uma avaliação de alguns atributos pessoais por faixas de rendimentos da ocupação adicional, apenas para as pessoas que detêm uma segunda ocupação. Nas duas primeiras faixas, percebem-se fortes diferenças entre os rendimentos médios das ocupações principais relativamente às ocupações adicionais, ficando praticamente os mesmos na terceira faixa. O diferencial de ganhos mostrou-se, assim, decrescente com o rendimento médio, ou seja, esse diferencial, que era de 174% na faixa de renda até R\$ 300, caiu para 75% na faixa entre R\$ 301 e R\$ 900, chegando a apenas 8% na faixa de renda superior a R\$ 900.

Por outro lado, a escolaridade, medida em anos, mostrou-se crescente com a faixa de rendimento no trabalho adicional. Esse fato já era esperado, tendo em vista ser a escolaridade o atributo pessoal que mais contribui para a formação de rendimento do trabalho. Assim, o investimento em capital humano, capturado através do nível de escolaridade do trabalhador, mostrou-se como o principal responsável pela redução dos diferenciais de rendimentos entre as ocupações principal e adicional. Dessa forma, quanto maior for o nível de escolaridade do trabalhador, menor será o diferencial de rendimento do trabalho principal em relação ao trabalho secundário.

Quadro 3: Rendimentos médios e médias de alguns atributos pessoais por faixas de renda na ocupação adicional

DISCRIMINAÇÃO	ATÉ R\$ 300		ENTRE R\$ 301 E R\$900		MAIS DE R\$ 900	
	MÉDIA	DP	MÉDIA	DP	MÉDIA	DP
Rendimento do trabalho principal	317,31	369,95	802,21	936,79	2.071,62	2.101,33
Rendimento do trabalho adicional	115,66	79,93	457,83	135,09	1.924,28	1.404,65
Horas semanais no trabalho principal	36,60	17,61	37,88	15,22	36,29	13,60
Horas semanais no trabalho adicional	13,86	8,81	17,61	10,01	20,42	11,10
Escolaridade	7,79	4,16	11,12	4,14	14,43	2,60
Estabilidade	4,82	6,66	7,64	7,87	9,86	8,57
Idade	33,63	10,49	37,07	9,82	39,95	9,38
Número de observações	4.691		3.304		839	

Fonte: Cálculos realizados a partir da PED-RMS.

Ainda com base no quadro 3, tem-se que a média das horas semanais de trabalho na ocupação adicional foi crescente com o crescimento dos rendimentos, enquanto que essa média mostrou-se relativamente estável para as ocupações principais. Esse resultado é interessante porque revela que o rendimento do trabalho secundário apresenta-se fortemente dependente do esforço aplicado. A estabilidade, medida em anos, mostrou-se crescente com a renda, de modo que quanto maior o tempo que a pessoa encontra-se em uma mesma ocupação principal, maior será o seu rendimento. Por outro lado, a idade mostrou um padrão caracteristicamente diferente daquele evidenciado pela estabilidade, ou seja, quanto mais elevada for a idade das pessoas com trabalho adicional, maior será o seu rendimento nessa mesma atividade.

Dessa forma, tem-se que o trabalho secundário, relativamente ao trabalho principal, valoriza fortemente a estabilidade do trabalhador.

Uma análise do quadro 4 permite constatar que, dentre os trabalhadores que dispõem de uma segunda ocupação, os assalariados têm rendimentos mais elevados que os dos autônomos, tanto no trabalho principal como no trabalho adicional. Uma explicação para esse diferencial de rendimentos pode ser encontrada na mais elevada escolaridade dos assalariados em relação à dos autônomos. O teste da diferença das médias garante que esses trabalhadores praticamente dedicam a mesma quantidade de horas no trabalho principal. No entanto, os assalariados trabalham relativamente mais que os autônomos no trabalho adicional. Quando comparados aos trabalhadores assalariados, os trabalhadores autônomos apresentaram uma estabilidade mais elevada, ou seja, essas pessoas encontram-se há mais tempo em suas ocupações principais, além de mostrarem-se mais velhas.

Quadro 4: Média e desvio padrão dos rendimentos, horas semanais de trabalho e de alguns atributos pessoais segundo a posição na ocupação

DISCRIMINAÇÃO	ASSALARIADOS		AUTÔNOMOS		ESTATÍSTICA t
	MÉDIA	DP	MÉDIA	DP	
Rendimento do trabalho principal	708,19	1.054,43	421,74	969,76	11,43
Rendimento do trabalho adicional	447,49	702,83	308,07	583,47	8,99
Horas semanais (trabalho principal)	36,94	14,52	37,40	21,56	-0,90*
Horas semanais (trabalho adicional)	16,32	10,00	4,44	8,82	8,16
Escolaridade	10,22	4,45	7,83	4,57	20,79
Estabilidade	5,26	7,02	6,27	8,45	-8,40
Idade	35,30	10,16	36,22	11,01	-3,36
Número de observações	6.792		2027		

Fonte: Cálculos realizados a partir da PED-RMS. (*) Não significativo.

No quadro 5 percebe-se um perfil dual das ocupações. Considerando-se um corte acima e abaixo dos 10 anos de escolaridade, tem-se um primeiro núcleo de trabalhadores mais escolarizados com rendimentos variando entre R\$ 512,05 e R\$ 2.200,09 no trabalho principal, excetuando os estagiários; enquanto que o segundo núcleo de ocupações mais precárias apresenta um rendimento variando entre R\$ 128,85 e R\$ 605,48. Com exceção de estagiários e de lavadeiras e passadeiras, todos os demais grupos de ocupações apresentam rendimentos na segunda ocupação inferiores aos da principal.

Quadro 5: Algumas informações estatística das dezessete principais ocupações dos trabalhadores com segundo trabalho

GRUPOS DE OCUPAÇÕES	Rendim. do trabalho		Horas sem. trabalho		Escola- ridade	Expe- riência	Idade
	Principal	Adicional	Principal	Adicional			
OCUPAÇÕES MAIS INTENSIVAS EM ESCOLARIDADE							
1. Professor de primeiro grau	512,05 (332,09)	356,02 (322,87)	27,45 (11,17)	16,24 (7,48)	13,10 (1,94)	8,25 (7,58)	35,77 (9,46)
2. Médico	2.200,09 (2.303,48)	1.509,55 (1.572,16)	33,52 (14,61)	21,88 (11,52)	16,88 (10,44)	9,88 (9,05)	39,96 (10,28)
3. Assistentes administrativos	622,18 (538,64)	396,38 (399,85)	32,02 (9,58)	18,30 (11,89)	11,12 (3,00)	13,29 (7,41)	39,18 (8,37)
4. Professor de segundo grau	801,30 (584,72)	576,92 (676,34)	31,80 (11,48)	17,87 (8,21)	14,82 (10,84)	8,20 (7,66)	37,05 (8,80)
5. Militares	657,23 (369,25)	413,84 (345,64)	41,79 (12,89)	21,34 (11,85)	10,41 (2,59)	13,02 (7,38)	35,83 (7,66)
6. Estagiários	245,22 (181,91)	263,05 (333,80)	22,61 (9,93)	12,48 (6,26)	12,94 (1,94)	0,79 (0,73)	23,40 (3,62)
7. Administradores e gerentes de serviços no comércio	1.223,74 (1.481,66)	736,67 (1.259,39)	47,37 (8,09)	15,30 (8,83)	12,03 (3,18)	5,22 (6,89)	38,69 (9,54)
8. Enfermeiros não diplomados	593,45 (473,21)	365,36 (202,19)	39,67 (12,42)	24,71 (11,10)	10,61 (1,68)	8,35 (7,02)	38,11 (7,85)
OCUPAÇÕES MENOS INTENSIVAS EM ESCOLARIDADE							
9. Camareiros, empregados doméstico	128,85 (87,61)	111,74 (150,01)	41,37 (17,81)	12,80 (9,57)	4,74 (3,05)	3,20 (4,98)	33,76 (10,15)
10. Vendedor, vendedor jornais e revistas	386,24 (537,33)	254,16 (335,96)	41,76 (20,34)	14,32 (8,68)	7,89 (3,82)	3,5 (5,64)	33,26 (11,04)
11. Faxineiro, lixeiro, servente	163,25 (126,25)	149,98 (183,42)	30,44 (15,87)	12,95 (9,13)	4,73 (2,98)	4,55 (6,01)	37,07 (9,95)
12. Comerciante ambulante	227,94 (286,33)	142,80 (165,83)	33,29 (19,52)	13,67 (8,15)	6,20 (3,56)	3,50 (4,62)	33,45 (11,73)
13. Motorista, operadores, maquinistas da construção civil e tratorista	605,48 (459,39)	355,11 (298,34)	49,63 (19,19)	16,65 (11,91)	8,34 (3,13)	4,92 (6,23)	36,89 (8,86)
14. Cozinheiro	270,54 (277,92)	173,91 (174,84)	38,71 (17,38)	14,42 (9,40)	5,62 (3,63)	4,61 (5,88)	39,90 (10,06)
15. Copeiro, garçon, atendente de bar	326,41 (396,51)	221,90 (230,03)	47,74 (20,97)	15,31 (8,60)	6,86 (3,42)	4,04 (6,18)	35,52 (10,83)
16. Lavadeira, passadeira	80,13 (64,69)	85,35 (111,81)	16,92 (13,37)	10,86 (6,98)	4,13 (2,83)	4,48 (5,05)	39,05 (9,86)
17. Servente pedreiro, trabalhador braçal	164,41 (162,87)	124,00 (134,50)	40,39 (16,05)	14,29 (8,23)	4,42 (3,00)	1,83 (2,97)	26,50 (9,20)

Fonte: Cálculos realizados a partir da PED-RMS. (*) Desvio padrão entre parênteses.

Ainda com o auxílio do quadro 5, percebe-se que, em todos os grupos de ocupações, se trabalham mais horas semanais na ocupação principal e, excetuando os estagiários e serventes de pedreiro, todos os demais grupos mostram-se com idade média superior aos 33 anos, de-

monstrando que a segunda ocupação é composta por pessoas com idade relativamente elevada.

Essa dualidade pode ser mais visualizada observando-se as médias estatísticas disponíveis no quadro 6 Em relação ao núcleo de trabalhadores menos escolarizados (com menos de 10 anos de escolaridade), o núcleo de maior nível educacional (com escolaridade de 10 anos e mais) apresenta rendimentos mais elevados, tanto no trabalho principal como no trabalho adicional. Por outro lado, essas pessoas trabalham menos horas no trabalho principal, relativamente ao trabalho adicional, detêm escolaridade média de 12,94 anos, contra uma média de 4,95 anos para o segundo núcleo, e possuem um menor tempo de serviço na ocupação principal. Os trabalhadores com menor escolaridade, quando comparados aos de maior escolaridade, apresentam, em média, uma maior estabilidade (7,35 contra 4,92 anos), ou seja, esses trabalhadores apresentam um maior tempo na ocupação principal e são relativamente mais jovens (35 contra 36 anos).

Quadro 6: Algumas estatísticas dos trabalhadores com segunda ocupação segundo a condição de escolaridade

DISCRIMINAÇÃO	MAIOR ESCOLARIDADE		MENOR ESCOLARIDADE	
	MÉDIA	DP	MÉDIA	DP
Rendimento do trabalho principal	941,78	1.256,83	268,49	305,99
Rendimento do trabalho adicional	576,99	830,04	183,63	212,94
Horas semanais (trabalho principal)	29,32	39,38	8,21	12,76
Horas semanais (trabalho adicional)	46,14	113,90	16,52	27,27
Escolaridade	12,94	2,22	4,95	2,59
Estabilidade	7,35	7,74	4,92	6,96
Idade	35,99	9,82	34,83	11,06

Fonte: Cálculos realizados a partir da PED-RMS.

3 Determinantes do rendimento com segunda ocupação

Estuda-se a seguir, utilizando-se um modelo linear nos logaritmos¹, a formação do rendimento da ocupação adicional. O modelo utilizado pode ser especificado da seguinte forma: $R = \alpha + X_i\beta + \varepsilon_i$ (3.1), onde α é o coeficiente linear (intercepto); X_i é o conjunto de regressores; β são os coeficientes dos atributos produtivos e não produtivos, a serem estimados; e ε_i é o distúrbio, admitido ser independente e normalmente distribuído, com média zero e variância σ^2 .

Os resultados do ajustamento do modelo (3.1) podem ser encontrados no quadro 7. O sinal positivo do coeficiente da variável escolaridade (ou seja, da elasticidade da escolaridade) significa que o rendimento da segunda ocupação encontra-se diretamente correlacionado com o tempo de escolaridade, de modo que, quanto maior o grau de escolaridade, maior será esse rendimento. Os resultados revelam que a escolaridade é, de fato, o atributo produtivo mais importante na determinação do rendimento da segunda ocupação. Isso é comprovado pela alta sensibilidade do rendimento do trabalho adicional frente à escolaridade, assim como pela maior estatística t (44,52).

Quadro 7: Determinantes do rendimento do trabalho adicional

VARIÁVEL	PARÂMETRO	DESVIO PADRÃO	ESTATÍSTICA t	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
Constante	-0,083	0,152	-0,55	0,59
Ln escolaridade	0,800	0,018	44,52	0,00
Ln esforço	0,396	0,015	25,73	0,00
Ln idade	0,668	0,042	15,94	0,00
Ln estabilidade	0,059	0,007	9,04	0,00
Sexo	0,399	0,023	17,05	0,00
Cor	0,321	0,025	12,70	0,00
Posição ocupação	0,050	0,025	2,00	0,05
N = 8.565		R ² = 0,39	F = 773,73	

Fonte: Cálculos realizados a partir da PED-RMS.

¹ Além de ser o modelo que melhor se ajustou aos dados, ele permite estimativas diretas das elasticidades do rendimento do trabalho adicional em relação às variáveis contínuas. Dessa forma, considerou-se o logaritmo do rendimento do trabalho adicional, em reais, em função de um conjunto de variáveis explicativas contínuas e binárias. As variáveis contínuas consideradas, todas logaritmadas, foram escolaridade, estabilidade e idade, todas medidas em anos, e esforço aplicado ao trabalho, medido em horas semanais de trabalho. As variáveis binárias (qualitativas) utilizadas foram sexo, cor e posição na ocupação, as quais assumem o valor zero, se a pessoa é respectivamente do sexo feminino, negra ou autônoma, e o valor um, se a pessoa é do sexo masculino, branca ou assalariada.

A idade mostrou-se estatisticamente significativa e positivamente correlacionada com o rendimento da segunda ocupação, indicando tratar-se de um atributo pessoal que contribui significativamente para a formação da renda desses trabalhadores. A elasticidade dessa variável foi a segunda mais elevada (0,668), corroborando, assim, sua importância para a formação desse rendimento e indicando que o rendimento da segunda ocupação é bastante sensível ao atributo idade. Os resultados contidos no quadro 7 revelam também que o tempo dedicado ao trabalho (esforço) é outro atributo produtivo estatisticamente significativo e que contribui positivamente para a formação da renda da ocupação adicional. A importância desse atributo produtivo para a formação desse rendimento é estabelecida pela própria elasticidade do esforço (0,396), fato esse garantido pela estatística t (25,73).

A estabilidade (tempo no emprego principal) mostrou-se estatisticamente significativa e positivamente correlacionada com o rendimento da segunda ocupação. Isso significa que aqueles trabalhadores, que permanecem por muito tempo no primeiro emprego e buscam novas oportunidades no mercado de trabalho, conseguem aumentar seus rendimentos no trabalho adicional, relativamente àqueles mais acomodados que trocam menos freqüentemente de emprego principal. O quadro 7 revela ainda que existe uma assimetria, estatisticamente significativa, na distribuição dos rendimentos do trabalho adicional por gênero, o que é garantido pelo sinal positivo do coeficiente da variável sexo na formação desse rendimento. Esse coeficiente mostrou-se estatisticamente significativo e positivo, isso implica que o rendimento da segunda ocupação dos trabalhadores do sexo masculino é estatisticamente superior ao do sexo feminino. Isso pode estar evidenciando um processo de discriminação de rendimento contra a mulher no trabalho adicional.

O coeficiente da variável cor, atributo não produtivo, foi positivo e estatisticamente significativo (ver quadro 7), revelando uma assimetria nas distribuições de rendimento em favor dos brancos, relativamente aos negros. O coeficiente positivo pode estar também evidenciando um processo de discriminação racial contra o negro no segundo emprego². Finalmente, a posição na ocupação também se mostrou impor-

² Deve-se ressaltar, entretanto, que diferenciais de rendimentos entre trabalhadores de cor branca e negra não é evidência suficiente para caracterizar um processo de discriminação contra o negro. Em estudos econométricos anteriores, os autores mostraram que diferenciais de rendimento por cor nem sempre evidenciam discriminação de renda na RMS, de forma que a maior parte da desigualdade de renda dos trabalhadores, por cor, pode ser justificada por diferenças nas dotações de atributos produtivos desses trabalhadores.

tante na formação do rendimento do trabalho adicional. O coeficiente dessa variável foi positivo e estatisticamente significativo a 5,0%, evidenciando uma diferença na distribuição de rendimentos do trabalho adicional em favor do assalariado em relação ao autônomo, revelando a precariedade no padrão da ocupação desses últimos.

Tentando verificar se o padrão de formação do rendimento difere entre o trabalho adicional e o trabalho principal para as pessoas que dispõem de trabalho adicional, ajustou-se o modelo (3.1) ao rendimento do trabalho principal para aqueles trabalhadores com segunda ocupação. Os resultados encontram-se dispostos no quadro 8³, onde pode-se observar que existe um padrão semelhante de formação do rendimento do trabalho adicional em relação ao trabalho principal, para todos os atributos produtivos e não produtivos considerados na análise. Assim como já havia sido observado para o trabalho secundário, a escolaridade, o esforço e a idade são também importantes na formação do rendimento principal desses trabalhadores. A estabilidade também contribui positivamente para a formação do rendimento principal, apresentando o mesmo padrão observado para o rendimento do trabalho adicional. As variáveis sexo, cor e posição na ocupação também afetam as distribuições de rendimentos do trabalho principal de forma semelhante.

Uma inspeção do quadro 8 revela que as elasticidades e os coeficientes das variáveis que contribuem para a formação do rendimento do trabalho principal diferem daquelas encontradas para o trabalho adicional. Com uma elasticidade da idade de 0,594, pode-se observar que este atributo, tal como no trabalho adicional, é o que relativamente mais contribui para a formação do rendimento do trabalho principal. Logo a seguir, em termos de magnitude, vem a elasticidade da escolaridade (0,851), com uma estatística t de 57,76, revelando que essa variável é de fato um atributo importante para a formação da renda do trabalho principal. No entanto, constata-se que a escolaridade é mais importante para a formação dessa renda do que a do trabalho adicional. A elasticidade do esforço (0,381) foi importante para a formação das rendas dos trabalhos principal e adicional, com uma ligeira vantagem na formação do rendimento trabalho adicional. Assim como já havia sido para o trabalho adicional, a elasticidade da estabilidade para

³ O número de observações dessa regressão difere daquele utilizado na regressão anterior porque algumas informações referentes ao trabalho principal não foram fornecidas pelos trabalhadores, embora tivessem fornecido para o trabalho adicional.

o rendimento principal é também positiva e baixa (0,098), indicando que este atributo contribui positivamente e pouco para a formação do rendimento do trabalho principal, mesmo que esse resultado seja garantido por uma estatística t bastante significativa (16,24).

Quadro 8: Determinantes do rendimento na atividade principal dos trabalhadores com segundo emprego

VARIÁVEL	PARÂMETRO	DESVIO PADRÃO	ESTATÍSTICA t	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
Constante	0,279	0,133	2,10	0,04
Ln escolaridade	0,851	0,015	57,76	0,00
Ln esforço	0,381	0,016	23,18	0,00
Ln idade	0,594	0,035	17,01	0,00
Ln estabilidade	0,098	0,006	16,24	0,00
Sexo (gênero)	0,391	0,019	20,07	0,00
Cor	0,329	0,021	15,95	0,00
Posição ocupação	0,122	0,021	5,93	0,00
N = 8.193		R ² = 0,49	F = 1.139,90	

Fonte: Cálculos realizados a partir da PED-RMS.

O quadro 8 revela ainda um padrão semelhante para o coeficiente da variável cor, o qual foi positivo e estatisticamente significativo, indicando existir uma assimetria nas distribuições de rendimento em favor dos trabalhadores de cor branca. Padrão idêntico foi também observado para o coeficiente da variável sexo, o qual foi positivo e estatisticamente significativo, permitindo constatar que a distribuição dos rendimentos do trabalho principal entre homem e mulher é assimétrica em favor do primeiro. A variável posição na ocupação é também importante para caracterizar o rendimento do trabalho principal e revela uma assimetria de rendimentos entre assalariados e autônomos nesse grupo de trabalhadores com segundo emprego.

Tentando verificar até que ponto os coeficientes das variáveis, que afetam o rendimento, diferem entre a segunda ocupação e o trabalho principal para os trabalhadores com segundo emprego, realizou-se o teste da diferença das médias. O quadro 9 mostra que todos os parâmetros foram estatisticamente diferentes, comprovado pelas altas estatísticas t. O teste das médias permite então concluir que o rendimento (autônomo) do trabalho adicional é inferior ao rendimento do trabalho principal. Isso é garantido pelo fato de a estatística t do coeficiente linear (α), no teste das médias, ter sido negativa e estatística-

mente significativa. Esse fato já tinha sido observado na seção anterior, quando foi mostrado que essa diferença era tanto maior quanto menor fosse o nível de escolaridade dos trabalhadores.

Uma inspeção do quadro 9 permite observar que a elasticidade da escolaridade, principal atributo na formação da renda desses trabalhadores, e da estabilidade, contribui menos para a formação do rendimento da segunda ocupação do que para o do trabalho principal. Esses resultados foram constatados pelo sinal negativo da estatística t do teste da diferença das médias para esses dois atributos. Por outro lado, as elasticidades do esforço e da idade foram maiores para o rendimento do trabalho adicional do que para o trabalho principal, constatado pelo fato de as respectivas estatísticas t terem sido positivas. Isso permite concluir que um aumento no esforço (horas trabalhadas) contribui proporcionalmente mais para o rendimento da segunda ocupação do que para o do trabalho principal. Da mesma forma, quanto mais avançada é a idade do trabalhador, maior será o seu efeito sobre a sua remuneração do trabalho adicional *vis-à-vis* o principal.

A segunda coluna do quadro 9 também permite observar que a assimetria da distribuição do rendimento em favor do homem é maior no trabalho adicional do que no trabalho principal. Isso pode ser constatado pelo fato de as estatísticas t do teste da comparação das médias mostrarem-se positivas e estatisticamente significativas, permitindo concluir que as diferenças de rendimentos entre homens e mulheres são mais importantes no trabalho adicional que aquelas verificadas no trabalho principal.

Quadro 9: Comparação dos coeficientes do rendimento do trabalho adicional com os do rendimento do trabalho principal

COEFICIENTE	ESTATÍSTICA t (DIFERENÇA DAS MÉDIAS)	
	TRABALHADORES COM SEGUNDO EMPREGO	TODOS OS TRABALHADORES
α	-164,27	-513,85
Elasticidade escolaridade	-199,59	774,61
Elasticidade esforço	62,546	337,62
Elasticidade idade	124,12	151,72
Elasticidade estabilidade	-387,78	-530,82
β_{sexo}	24,59	44,12
β_{cor}	-22,47	40,01
$\beta_{\text{Posição ocupação}}$	-202,20	-395,06

Fonte: Cálculos realizados a partir das informações contidas nos quadros 7 e 8.

No quadro 9, constata-se, ainda, que as contribuições das variáveis cor e posição na ocupação na formação do rendimento do trabalho principal são maiores do que na formação do rendimento adicional. Esses resultados são garantidos pelo teste das médias, cujas estatísticas t foram negativas e estatisticamente significativas. Quanto à variável cor, o resultado mostra que a assimetria da distribuição de rendimentos, em desfavor do trabalhador negro, é menor no segundo emprego do que no trabalho principal. No que concerne à posição na ocupação, pode-se concluir que a contribuição para o rendimento do trabalho secundário, pelo fato de o trabalhador ser assalariado, é menos sensível do que sobre o rendimento do trabalho principal e vice-versa para o trabalhador autônomo. Isso indica que o autônomo comanda um rendimento maior no trabalho adicional que no trabalho principal, assim como o assalariado auferir um rendimento maior no trabalho principal relativamente ao trabalho adicional.

Objetivando examinar até que ponto a formação dos rendimentos dos trabalhadores com segunda ocupação difere do padrão característico para o mercado de trabalho da RMS como um todo, ajustou-se o modelo (3.1) ao rendimento do trabalho principal para todos os trabalhadores da RMS. Os resultados dessa regressão encontram-se dispostos no quadro 10. Exceto pela magnitude dos coeficientes dos atributos, não foi constatado qualquer diferenciação no padrão de formação do rendimento do trabalho adicional em relação àquele verificado no trabalho principal do mercado de trabalho como um todo, isso porque os sinais dos coeficientes foram os mesmos.

Quadro 10: Determinantes do rendimento de todos os trabalhadores da rms (trabalho principal)

VARIÁVEL	PARÂMETRO	DESVIO PADRÃO	ESTATÍSTICA t	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
Constante	0,763	0,035	21,86	0,00
Ln escolaridade	0,649	0,004	162,62	0,00
Ln esforço	0,341	0,005	70,75	0,00
Ln idade	0,599	0,009	68,23	0,00
Ln estabilidade	0,099	0,002	58,70	0,00
Sexo	0,388	0,006	69,10	0,00
Cor	0,310	0,006	48,36	0,00
Posição ocupação	0,157	0,006	25,11	0,00
N = 92.956		R2 = 0,45	F = 10.854,81	

Fonte: Cálculos realizados a partir da PED-RMS.

Tentando verificar até que ponto a magnitude dos coeficientes das variáveis que afetam o rendimento da segunda ocupação difere daqueles relacionados ao rendimento do trabalho principal para todos os trabalhadores da RMS, procedeu-se o teste da diferença das médias. Esse teste permitiu constatar a diferença da magnitude de todos os coeficientes dos atributos produtivos e não produtivos que afetam os rendimentos da segunda ocupação e do emprego principal no mercado de trabalho.

Em uma comparação dos coeficientes das variáveis responsáveis pela formação do rendimento do trabalho adicional e do rendimento do trabalho principal para todo o mercado (quadro 9), observa-se que houve uma reversão nas magnitudes de dois dos coeficientes (escolaridade e cor). A elasticidade da escolaridade foi maior para o rendimento do trabalho adicional do que para o rendimento do trabalho principal para todo o mercado, indicando que a escolaridade é mais importante na formação da renda da segunda ocupação do que na do mercado de trabalho como um todo.

O coeficiente do atributo cor, para o rendimento da segunda ocupação, foi maior do que aquele verificado para o rendimento de todos os trabalhadores. Isso implica que a assimetria da distribuição do rendimento em favor do branco no trabalho adicional é mais acentuada do que no mercado de trabalho como um todo. Esse fato indica provavelmente um acentuado padrão característico de discriminação contra o negro no segundo emprego *vis-à-vis* o mercado de trabalho como um todo. Talvez isso decorra do fato de esse mercado apresentar uma estrutura dual, em que uma pequena parcela desse contingente de pessoas detém uma alta escolaridade, e uma grande parcela possui um nível baixo de escolaridade. Por outro lado, o padrão característico de discriminação de rendimentos contra a mulher é significativamente menor no segundo emprego do que no mercado de trabalho como um todo.

4 A participação dos trabalhadores na segunda ocupação

A seguir analisam-se os principais determinantes e condicionantes que afetam a decisão do trabalhador na busca por um trabalho adicional. Para tanto, montou-se um modelo de utilidade randômica. Nesse modelo, a escolha do trabalhador é feita comparando-se os níveis de utilidade obtidos com e sem o segundo trabalho e se materializa através de uma variável binária y . Assim, se o trabalhador opta pelo traba-

lho adicional é porque sua utilidade com o segundo emprego $u(y = 1)$ é maior que a utilidade sem esse emprego $u(y = 0)$. Caso contrário, sua decisão deverá ser não optar pelo trabalho adicional. Embora a utilidade seja um conceito subjetivo, não quantificável e não observável, a escolha do trabalhador passa a ser observada no instante que ele opta por uma das duas alternativas. Dessa forma, a escolha do trabalhador pode ser interpretada de acordo com a seguinte equação:

$$y_j = X_j \beta + \varepsilon_j \quad (4.1)$$

onde X_j é um conjunto de variáveis de controle; β é o vetor de parâmetros; e ε_j é a perturbação aleatória. O modelo utilizado para modelar a escolha do trabalhador frente à possibilidade da segunda ocupação foi o *logit*.

As informações estatísticas foram trabalhadas de forma individual, de modo que cada observação consistiu da resposta binária (sim ou não) do trabalhador frente à segunda ocupação e o correspondente vetor de regressores. O vetor de regressores é composto da renda do trabalho na atividade principal, dos esforços nas atividades principal e adicional, todas variáveis contínuas, além das seguintes variáveis binárias: posição na ocupação (ser assalariado ou autônomo), gênero (ser homem ou mulher) e posição na família (ser chefe ou não). Vale ressaltar que algumas variáveis não foram incluídas nesse vetor de regressores por não terem sido estatisticamente significativas. A propósito, a escolaridade, a idade, a estabilidade e a cor não se mostraram significativas na decisão do trabalhador participar pela segunda vez na força de trabalho⁴.

O modelo foi também estimado por máxima verossimilhança, objetivando definir os parâmetros da função cumulativa de distribuição de probabilidades, a partir das condições de máximo (ou seja, igua-

⁴ A exclusão da escolaridade do rol de variáveis explicativas foi condicionada por um problema técnico-econométrico, tendo em vista que essa variável mostrou uma forte colinearidade com a renda do trabalho principal. O fato da variável idade não ter sido estatisticamente significativa já era esperado, tendo em vista que a segunda ocupação é mais uma necessidade pessoal do que uma preferência revelada em alguma etapa do seu ciclo de vida e, portanto, pode se dar em qualquer faixa etária. A estabilidade, de certa forma, não causou surpresa, uma vez que essa variável realça apenas o tempo em que o trabalhador está na atividade principal. Ademais, a não significância econométrica da estabilidade pode estar indicando que o trabalhador, quando busca uma segunda ocupação, ele o faz em outra atividade que não aquela em que trabalha no momento. O fato de o atributo não produtivo cor não ter sido estatisticamente significativo, parece indicar que não há um padrão característico de discriminação contra o trabalhador negro, pelo menos no seu segundo emprego.

lando suas derivadas a zero) e aplicando-se o algoritmo de Newton para valores de verossimilhança com distribuição teórica esperada. Os resultados da estimação logística da probabilidade de o indivíduo participar na força de trabalho encontram-se dispostos no quadro 11. Vale ressaltar que a proporção de predições corretas do modelo é de 98,74%, correspondendo a uma média ponderada das proporções de acertos das probabilidades de respostas $Pr(y = 1)$ de 91,57% e $Pr(y = 0)$ de 99,42%. Esses resultados representam uma excepcional aderência do modelo à decisão do trabalhador participar ou não pela segunda vez da força de trabalho.

O quadro 11 contém as estimativas dos parâmetros de cada uma das variáveis explicativas que afetam a probabilidade dos trabalhadores buscarem um trabalho adicional., bem como a estatística Wald e o correspondente nível de significância dos parâmetros estimados. Nesse quadro, pode-se também observar o grau de correlação parcial R , o logaritmo da verossimilhança LnV , além do logaritmo da razão de verossimilhanças e o correspondente nível de significância. Uma inspeção desse quadro permite observar que todos os parâmetros estimados foram estatisticamente significativos e diferentes de zero. Esses resultados confirmam que a renda do trabalho na atividade principal, os esforços nas atividades principal e adicional, a posição na ocupação, o sexo e a posição familiar são todas variáveis estatisticamente importantes para explicar a probabilidade de os trabalhadores participarem pela segunda vez do mercado de trabalho.

Os resultados contidos no quadro 11 revelam que a renda na atividade principal é estatisticamente significativa (a 2% tanto para a estatística Wald quanto para a razão de verossimilhanças) e negativamente correlacionada com a probabilidade do trabalhador buscar no mercado de trabalho um segundo emprego. Isso significa que quanto menor a renda do trabalho principal, maior é a probabilidade de o trabalhador buscar o seu segundo emprego. Nesse sentido, pode-se concluir que o trabalho adicional está condicionado por uma necessidade do trabalhador complementar sua renda, objetivando manter um certo padrão de vida, que não é possível apenas com o trabalho principal.

O esforço do trabalhador na atividade principal (medido em horas semanais de trabalho) foi estatisticamente significativo e, como era de se esperar, negativamente correlacionado com a probabilidade deste buscar um trabalho adicional na força de trabalho. Isso significa que, quanto menor o tempo que o trabalhador dedica à atividade principal, maior a probabilidade deste participar adicionalmente na força de tra-

balho, buscando o seu segundo emprego. O segundo emprego é uma característica daqueles trabalhadores que dedicam menos tempo ao trabalho principal e, por isso mesmo, dispõem de mais tempo para exercer um trabalho adicional.

O quadro 11 mostra ainda que o esforço na atividade adicional é também estatisticamente significativo e positivamente correlacionado com a probabilidade de o trabalhador ter um trabalho adicional. Isso implica que, quanto maior o tempo dedicado ao trabalho adicional, maior a probabilidade de o trabalhador ter um segundo emprego. Portanto, para que haja um aumento na probabilidade de o trabalhador buscar um trabalho adicional não basta apenas que este aplique um menor esforço ao trabalho principal. É necessário que o trabalhador dedique efetivamente um tempo maior ao trabalho adicional.

Quadro 11: Probabilidade de o trabalhador participar pela segunda vez na força de trabalho da RMS

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	PARÂMETRO	WALD (Sig.)	R	Ln V _c	-2LnRV (Sig.)
Constante	-3,4069	221,81 (0,00)	-	-	-
Log esforço do trabalho principal	-0,4714	67,92 (0,00)	-0,0339	-4.408,23	64,28 (0,00)
Log esforço do trabalho adicional	3,4336	10.863,71 (0,00)	0,4347	-27.881,82	47.011,47 (0,00)
Log renda do trabalho principal	-0,0779	5,2500 (0,02)	-0,0075	-4.378,72	5,27 (0,02)
Sexo	-0,2536	11,59 (0,00)	-0,0129	-4.381,91	11,64 (0,00)
Posição na família	0,2567	11,70 (0,00)	0,0130	-4.381,92	11,66 (0,00)
Condição (assalariado x autônomo)	0,3467	18,67 (0,00)	0,0170	-4.385,58	18,99 (0,05)
N = 102.069; Pr(y = 1) = 91,57%; Pr(y = 0) = 99,42%; Pr = 98,74%; -2LnV = 8.752,2; -2Ln V _c = 39.968,7; $\rho^2 = 0,78$; RV = 48.720,9					

* Nível de significância entre parênteses.

Ln V_c: Logaritmo da verossimilhança baseado nas estimativas condicionais dos parâmetros; RV: razão de verossimilhanças; ρ^2 : Pseudo R²; P: Proporção das predições corretas; R: medida de correlação parcial.

A posição familiar também foi estatisticamente significativa e positivamente correlacionada com a probabilidade de o trabalhador buscar o seu segundo emprego. A probabilidade de o trabalhador participar da força de trabalho pela segunda vez é maior para os chefes de

família do que para os não chefes. Essa evidência corrobora o resultado obtido anteriormente de que o segundo emprego se configura como necessidade preeminente do trabalhador no sentido de manter um certo padrão de vida, que é uma preocupação mais latente para os chefes de família.

O quadro 11 mostra que o sexo é estatisticamente significativo e negativamente correlacionado com a probabilidade de o trabalhador participar pela segunda vez no mercado de trabalho. Isso significa que os trabalhadores do sexo feminino são mais propensos (na margem) a participar na força de trabalho pela segunda vez (em termos probabilísticos) do que os do sexo masculino. A evidência de que a probabilidade de a mulher buscar um trabalho adicional (segundo emprego) no mercado de trabalho é maior que a do homem pode estar negando a afirmativa de que a mulher trabalha menos que o homem. O fato de a mulher trabalhar menos na atividade principal que o homem não implica necessariamente que ela dedique menos tempo ao mercado de trabalho. Essa constatação pode ser mais aparente do que real, tendo em vista que a probabilidade de a mulher buscar um trabalho adicional é maior do que a do homem. Dessa forma, a mulher provavelmente esteja trocando menos horas de esforço no trabalho principal por uma segunda ocupação.

Uma inspeção do quadro 11 mostra também que a posição na ocupação do trabalhador (ou seja, se este é assalariado ou autônomo) é estatisticamente significativa (tanto para a estatística Wald quanto para a razão de verossimilhanças) e positivamente correlacionada com a probabilidade de o trabalhador buscar o segundo emprego. Isso significa que a probabilidade de o trabalhador participar pela segunda vez na força de trabalho e buscar um trabalho adicional é maior para o assalariado do que para o autônomo. Portanto, os resultados econométricos mostraram que a busca da segunda ocupação é uma característica dos trabalhadores assalariados que não se verifica para os autônomos. Isso pode ser explicado pelo fato de ser difícil a separação entre o trabalho principal e o trabalho secundário para os trabalhadores autônomos, já que muitas vezes trabalhar em outra atividade significa, para essas pessoas, apenas trabalhar mais, configurando-se uma situação de extensão do exercício do trabalho ao invés de uma outra ocupação.

6 Conclusões

Este trabalho analisou o importante contingente de trabalhadores que possui uma segunda ocupação no mercado de trabalho da RMS. As atividades econômicas exercidas por esses trabalhadores mostraram-se bastante mescladas entre situações de trabalho precárias (pouca escolaridade), e outras intensivas em capital humano. A análise estatística revelou de maneira bastante nítida a presença de uma dualidade entre as principais ocupações exercidas por essas pessoas. Essa dualidade ficou caracterizada por dois núcleos distintos de trabalhadores: um, com ocupações de baixa escolaridade, e outro, com ocupações de mais alto nível educacional. Este último apresentou rendimentos mais elevados, tanto no trabalho principal quanto no trabalho adicional.

Comparando-se o agrupamento de trabalhadores que detém apenas uma ocupação principal com aquele que detém, além da ocupação principal, uma ocupação adicional, observou-se que o rendimento médio na ocupação principal foi inferior ao rendimento da ocupação adicional. A escolaridade e a idade são mais elevadas na ocupação adicional *vis-à-vis* a ocupação principal. Padrão caracteristicamente distinto foi verificado com as horas semanais de trabalho e a estabilidade, os quais foram mais elevados na ocupação principal. Esse diferencial de rendimento favorável à segunda ocupação pode ser atribuído às diferenças de escolaridade e idade, já que as pessoas, quando detêm uma ocupação adicional, trabalham menor número de horas semanais e têm menos tempo de serviço na atividade principal.

Dentre os trabalhadores que dispõem de uma segunda ocupação, os assalariados detêm rendimentos mais elevados que os autônomos, tanto no trabalho principal como no trabalho adicional. Isso pode ser explicado pelo fato de que o nível de escolaridade dos assalariados é mais elevado que o dos autônomos, já que assalariados e autônomos praticamente dedicam a mesma quantidade de horas no trabalho principal. No entanto, os autônomos apresentaram uma estabilidade maior e mostram-se mais velhos.

O nível de escolaridade é, de fato, uma variável importante na determinação do rendimento da segunda ocupação, assim como já havia sido para a atividade principal. Ademais, constatou-se que a idade e o esforço no trabalho adicional são significativos e positivamente correlacionados com o rendimento desses trabalhadores, enquanto que a estabilidade mostrou-se estatisticamente significativa, mas negativamente correlacionada com o rendimento da segunda ocupação. Esse

fato revela que os trabalhadores que permanecem por muito tempo no primeiro emprego e não buscam novas oportunidades, em termos de trabalho principal, no mercado de trabalho, são aqueles que não conseguem aumentar seus rendimentos no trabalho adicional, relativamente àqueles menos acomodados (mais voláteis) que trocam mais freqüentemente de emprego principal.

A decisão que leva o trabalhador a exercer uma segunda ocupação deve-se principalmente ao rendimento que ele pode auferir nessa ocupação, o que é garantido pela correlação positiva entre a renda endógena (salário ou remuneração potencial do seu esforço no mercado de trabalho) e essa decisão. A busca da segunda ocupação é muito mais uma característica dos trabalhadores assalariados que dos autônomos, assim como está mais fortemente relacionada com a posição de chefe da família. A idade é negativamente correlacionada com o desejo do trabalhador ofertar esforço, de forma que, quanto maior for a sua idade, maior será (na margem) a probabilidade de ele participar pela segunda vez na força de trabalho. Ademais, são os trabalhadores do sexo feminino e chefes de família aqueles mais propensos (na margem) a participar na força de trabalho pela segunda vez.

Referências bibliográficas

CARRERA-FERNANDEZ, J, MENEZES, W. F. O empresário do setor informal: uma abordagem a partir da Região metropolitana de Salvador. Fortaleza: III Congresso de Economia Regional ANPEC/BNB, *Revista Econômica do Nordeste*, n. Especial, 1998a.

GREENE, W. H. *Econometric Analysis*. 3rd Ed. New Jersey: Prentice Hall, 1997.

MAS-COLELL, A, WHINSTON, M, GREEN, J.R. *Microeconomic Theory*, Oxford: Oxford University Press, 1995.

MENEZES, W. F, CARRERA-FERNANDEZ, J. Mercado de trabalho informal do setor terciário na Região Metropolitana de Salvador (RMS). *Bahia Análise e Dados*, v. 8, n. 1, p. 117-127. Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 1998b.